

A controvérsia da reciclagem

Categories : [Eduardo Pegurier](#)

Vale a pena reciclar o nosso lixo sólido ou isso é só um slogan politicamente correto de ambientalistas? Em 1996, o então prefeito de Nova York, Rudolph Giuliani, iniciou uma acirrada polêmica ao declarar que, para atingir a meta de reciclagem da cidade, seria preciso colocar toda a população na cadeia e obrigá-la a cooperar. Com dificuldades financeiras, Nova York não conseguia atingir o mínimo estabelecido por lei e reaproveitar 25% do seu lixo. Com isso, começou um jogo de gato e rato entre ambientalistas processando a prefeitura pela falha e essa, por sua vez, usando todas as brechas legais para inflar os números.

A disputa não parou de esquentar. Em 2002, Michael Bloomberg, sucessor de Giuliani, paralisou o programa de reciclagem de metal, vidro e plástico da cidade, alegando que ele gerava um déficit anual de 57 milhões de dólares. Segundo as contas da prefeitura, cada tonelada reciclada custava 240 dólares, enquanto dispô-la em um aterro sanitário de primeira qualidade custava 130. Em 2004, em outra virada surpreendente, a decisão foi revertida e o mesmo Bloomberg reativou o programa, desta vez remodelado com a ajuda de ambientalistas do [Natural Resources Defense Council](#).

O novo modelo espelhou-se na bem-sucedida experiência de Nova York com reaproveitamento de papel, que já era economicamente atraente. A reciclagem de metais, plásticos e vidro passou a ser feita através de um contrato de 20 anos com uma empresa de grande porte, que se comprometeu a investir 25 milhões de dólares em uma usina high-tech no Brooklyn. Reduzindo o custo de transporte e usando a melhor tecnologia, a tonelada reciclada passou a ser mais barata que a alternativa do aterro sanitário, tornando o programa financeiramente viável.

O episódio nova-iorquino explicita uma tensão que deve ser encarada pelos ambientalistas: reciclar é ecológico se o resultado poupa mais recursos do que o processo consome. Não é só uma questão de cifras em dólares ou em reais. Sob esse ponto de vista, pode-se rebater que devemos ter um viés pró-natureza e, por isso, manter programas deficitários de reciclagem. Mas resta a questão se, de fato, esses programas favorecem o meio ambiente. A resposta não é óbvia e varia caso a caso.

Em comparação com a fabricação de produtos “virgens”, reciclar pode poupar árvores, água e minerais; reduzir o gasto de energia e a poluição, incluindo os gases do efeito estufa; e aliviar a necessidade de aterros sanitários. Mas embora seja atraente só levar em conta o lado positivo, reciclar também consome recursos. Por exemplo, em função do seu programa de reciclagem, Los Angeles dobrou de 400 para 800 a sua frota de caminhões de coleta de lixo. A fabricação dos mesmos precisou de itens como chapas de aço e borracha, os quais, por sua vez, demandaram a extração de ferro e carvão e consumiram energia no seu processamento. Mover essa frota requer mais petróleo, que deve ser refinado em gasolina ou diesel, um processo por si só gerador de

poluentes, e a queima desse combustível piora a qualidade do ar da cidade e gera gases do efeito estufa. Será que vale a pena? Só fazendo a contabilidade econômica e ambiental da questão.

Nessa linha, [o geógrafo e ambientalista Olimpio Araújo, da Rede Ecoterra, escreveu que não existem “bilhões escondidos no lixo”, como os entusiastas acreditam](#). Segundo ele, raramente os programas de reciclagem brasileiros geram receitas suficientes para pagar pela sua operação. E desviam recursos que poderiam ser usados para providenciar o básico, como aterros sanitários, necessários para o lixo comum mas ausentes em quase 80% dos municípios brasileiros. Um dos fatores que mais onera um programa de reciclagem é o custo de transporte. Por isso, a chance de um programa dar certo aumenta muito quando existem empresas recicladoras por perto ou quando as próprias indústrias se engajam no reaproveitamento dos seus resíduos e efluentes.

A RW, uma indústria de papel instalada no município de Palmeira, próximo a Curitiba, é um exemplo. Seus produtos principais são papel higiênico, papel toalha e lençóis hospitalares descartáveis. A empresa tem um faturamento de 30 milhões de reais anuais. Para adequar-se à legislação ambiental, investiu cerca de 400 mil em um programa de reciclagem e redução de efluentes. Hoje, suas sobras são transformadas em bandejas de polpa moldada, usadas para acondicionar frutas e ovos vendidos nos supermercados.

Ruy Basto, diretor industrial e sócio da RW, está entusiasmado com o resultado. Para o futuro próximo, ele vislumbra novos produtos reciclados. Uma idéia são tijolos com adição de polpa de celulose. Já usados na Alemanha, eles são mais leves e resistentes. Têm potencial comercial e também poderiam ser aproveitados na própria fábrica. Ruy admite que seus produtos reciclados rendem muito pouco à empresa. Mas também faz questão de dizer que o investimento inicial foi razoável e, uma vez pago, a manutenção custa pouco, talvez 2 mil reais mensais. “É menos que os gastos com a gasolina da diretoria”, conta sem constrangimentos. Sem esse esforço, o rio do Salto, que costumava receber os efluentes da fábrica, teria uma mancha branca de 30 km de extensão. Suas águas deságuam no sistema que abastece a região de Ponta Grossa, de 376 mil habitantes.